

IGREJA MUNDIAL OU IGREJAS CONTINENTAIS

Walbert Böhrlummann

A visão de uma Igreja de dimensão mundial, na qual desembocam "a opulência do mar e as riquezas dos povos" (Is 60,5) e resplandece uma rica variedade, está manifestamente se reduzindo a mera monotonia. Na mesma medida em que os documentos da Igreja e as exortações do Papa falam da inculturação, são bloqueadas tenazmente todas as tentativas de inculturação com a explicação de que não estariam de acordo com a Igreja Universal. Isso significa que se segue o princípio absurdo: O que não é desejado em todos os lugares, especialmente em Roma, não deveria acontecer em lugar nenhum.

A nova compreensão da Igreja, a partir do último Concílio, como Povo de Deus que se concretiza nas igrejas locais, corre o risco de sucumbir frente à nova hierarquização e centralização. Essas são estruturas pecaminosas dentro da Igreja, que têm a mesma natureza que outros "-ismos" denunciados pelo Papa, tais como o capitalismo e o consumismo; estruturas que em ambos os casos, são criadas com uma consciência subjetivamente boa.

No momento atual não seria realístico aguardar mudança de rumo que venha de cima. Mas existe a possibilidade e a necessidade de se realizar alguma coisa, vindo de baixo, para conseguir autonomia continental e pluralidade. Está na hora de encorajar as pessoas para entrarem em ação.

Teologias continentais

Faz trinta anos que foi publicada a obra "*Mysterium Salutis*". Naquele tempo se supôs que essa obra, escrita por autores exclusivamente europeus, fosse a expressão da teologia pós-conciliar, valendo para o mundo inteiro. Agora foi publicada, na América Latina, a obra básica "*Mysterium Liberationis*", que toma o lugar de muitas obras precedentes. É a primeira tentativa de desenvolver uma teologia de uma Igreja continental não-européia, que não se dirige contra a teologia européia, mas é considerada como complementação bem-vinda, porque é intelectualmente menos pesada e tem, como ponto de partida, a práxis da libertação dos pobres.

Existe a expectativa de que a África esteja preparando um compêndio teológico, possivelmente com o título "*Mysterium Incarnationis*", descrevendo a identidade das igrejas cristãs numa dimensão cósmica da revelação.

Finalmente, a Europa seria chamada novamente a desenvolver, - na função de pioneira em relação aos outros continentes -, o compêndio do "*Mysterium Saecularisationis*", descrevendo a ação salvífica de Deus em âmbito extra-ecclesial, ressaltando o significado de justiça, paz e integridade da criação, nas quais se concretiza para o nosso tempo o desígnio salvífico de Deus a respeito da humanidade.

Santos continentais

A todos os que foram elevados à honra do altar, durante este pontificado - mais de 600 novos beatos e 270 santos -, foram aplicadas, como critério de avaliação, as três virtudes teologais e as quatro virtudes cardinais. Esse critério é correto e justificado. Mas será preciso que as igrejas continentais apresentem seus próprios santos com aspectos que os caracterizem de modo diferente.

Assim, a América Latina já tem um número significativo de "santos da justiça", que sofreram morte violenta não por motivo da fé mas por causa do compromisso pelos seres humanos, criados à imagem de Deus, para que vivessem em dignidade humana e divina. A África deveria enriquecer-nos com "santos da alegria da vida". É realmente surpreendente como as pessoas manifestam tanta alegria, apesar de todas as dificuldades econômicas e políticas, externando-a na maneira alegre de celebrar a vida em suas danças noturnas, como também na liturgia, em contraste com os ocidentais que, embora disponham de conforto e fartura, não conseguem viver com

alegria. Da Ásia poderíamos esperar que os "santos do misticismo", que dêem à Igreja o incansável testemunho de "uma só coisa é necessária" (Lc 10,42). Europa e América terão de desenvolver e criar "santos da economia", isto é, homens e mulheres que vivam inseridos no mundo e, ocupando posição de chefia nos centros de controle da economia, decidem que doravante se leve em consideração não apenas o lucro, mas o indivíduo e toda a humanidade como norma e medida para o desempenho da economia nacional e internacional. Esses santos seriam realmente motivo de júbilo no céu e na terra! A festa de todos os santos ganharia nova imagem.

Patriarcas Continentais

"Quem tiver ouvidos que ouça o que o Espírito diz às igrejas" (Ap 2,7.11.17.28; 3,6.13.22). Esperar-se-ia que o Espírito possa dirigir também uma mensagem para a comunidade de Roma, a saber, que a estrutura de poder centralizador, pela qual o Vaticano - apesar da distância de mil, dez e vinte mil quilômetros -, decide tudo para a Igreja universal, não está de acordo com o espírito de Jesus. Isso teria como consequência a restauração da pentarquia, isto é, os cinco patriarcados do primeiro milênio, em nova forma, de sorte que cada continente, divididos talvez por territórios lingüísticos, deveria ter *status* patriarcal com ampla autonomia. Então a América Latina teria a possibilidade de decidir sobre o modo de tratar a Teologia da Libertação; África estaria em condições de encontrar um caminho para tornar-se uma igreja africana e não apenas uma igreja na África; Ásia teria a libertação de determinar a maneira de entrar em diálogo com outras religiões e, finalmente, Europa e América teriam de decidir como responder aos desafios da secularização. Nesta perspectiva visionária as exigências continentais, com questões como a posição das mulheres na igreja ou o assunto dos *viri probati*, não seriam mais obstruídas porque "não há uma expectativa realista de que poderiam ser implementadas no âmbito da Igreja universal" (cfr. o Bispo Karl Lehmann).

Seria necessário, então, repensar a função que tem o Bispo de Roma de preservar a unidade da Igreja em duas direções. Uma seria a de promover a comunhão horizontal (Koinonia), que consiste no serviço e intercâmbio entre as Igrejas de teologia, de santos, de experiências pastorais bem sucedidas, de recursos pessoais e financeiros, que continuam sendo necessários. Surgirá também a necessidade de se estabelecer a comunhão vertical (Koinonia), que consiste na comunhão entre todas as Igrejas pelo vínculo definitivo da unidade e da paz (cf. Ef 3,4). O Papa João Paulo II é consciente de que dele se

espera encontrar uma nova "forma de exercer a primazia, que, por um lado, não abandone a essência de sua missão e, por outro lado, esteja aberta à nova situação" (Encíclica *"Ut Unum Sint"*, 1995, Nº 95). Resta esperar que os desenvolvimentos históricos não sejam declarados prematuramente como elementos essenciais que não podem ser abandonados. Se as mudanças estruturais dentro da Igreja, descritas acima, forem introduzidas, muitos descontentamentos e queixas haveriam de desaparecer e se abriria o caminho para alcançar-se o objetivo do ecumenismo de chegar à "unidade de uma pluralidade reconciliada", após séculos de dolorosa divisão.